

N.º 41 — LISBOA, 22 DE OUTUBRO

1.º ANO 1933

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO CREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 15000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 25500 rs
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 15000 rs.
Cobrança pelo correto..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros... 15800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 39 e 34

A GRANDE DIPLOMACIA



— A mim ninguém me tira de cabeça que tudo isto foi obra do Sovoral.

O discurso do sr. Hintze Ribeiro, o Carnaval de Veneza e o cofre dos Humbert

O discurso do sr. Hintze Ribeiro no banquete da Sala do Risco não é, sem duvida, um documento de incapacidade politica. — Pelo facto de o ter pronunciado, o sr. Hintze Ribeiro não deixa de ser «o primeiro estadista portuguez». Mas o que elle é sem duvida é um documento de incapacidade litteraria.

Nas circumstancias em que o pronunciou, o que estava naturalmente indicado era que o sr. Hintze Ribeiro emittisse algumas idéas fundamentaes, n'uma forma classica.

Ora, o que sua excellencia fez foi annunciar um certo numero de banaes conceitos e uma grande somma de derreidas imagens n'uma lingua em que sobrarão e faltaram palavras e que nada exprimiui.

Tem sido sua excellencia accusado de abusar das synonymias, tão propicias aos espiritos gaguejantes.

O seu discurso é, n'este ponto de vista, não propriamente um discurso, mas o *Carnaval de Veneza*: — tem uma parte só, sobre a qual sua excellencia executou com os seus dedos ageis e servindo-se a miudo do pedal, um grande numero de variações.

«Ha na vida publica—começou por dizer sua excellencia—momentos que não esquecem nunca. Entram tão fundo no nosso sentir que não mais se obliteram; gravam-se tão firmes no nosso espirito, que nada os arranca ou destroe».

Notaremos que sua excellencia disse tudo no seu primeiro periodo: «Ha na vida publica momentos que não esquecem nunca».

O resto — «entram fundo», «gravam-se tão firmes», são simples repetições de pensamento.

«E' ardua a vida de um homem de governo — disse mais sua excellencia — cheia de sacrificios que muitos não conhecem, de contrariedades que surgem de todos os lados, de embates que uns sobre os outros se apoem», etc.

Aqui, o pensamento: — «E' ardua a vida de um homem de governo», é immediatamente seguido de redundancias.

E que redundancias! — «contrariedades que surgem de todos os lados», «embates que uns sobre os outros se apoem...»

Mas onde o nobre chefe do partido regenerador verdadeiramente se excedeu foi nas variações que executou sobre a phrase classica — «A vida

do homem publico é uma encosta escarpada», e em que sua excellencia se serviu ao mesmo tempo das mãos e dos pés. Listz, em casos de extrema difficuldade, servia-se tambem do nariz.

Foi um verdadeiro arroubo lyrico, o largar da vela, o desprender da aza, o momento agudo do librar do espirito além do corpo e da terra.

Sua excellencia quiz evidentemente demonstrar que não é apenas um banal conselheiro d'Estado, grã-cruz da Torre e Espada e da Conceição, e que tambem é — um poeta.

A poesia é um dom divino. Sua excellencia recebeu-o de Deus, como recebeu d'El-Rei a sua carta de conselho.

— Ah! pensou sua excellencia, o paiz está persuadido de que eu não passo d'um secco e apagado politico, sem ideal e sem chamma? Está persuadido de que eu não tenho espirito, ou só tenho o espirito que é preciso para me bater, nos pares, com Eduardo José Coelho? Está persuadido de que eu não tenho senão a imaginação das minhas portarias e dos meus decretos? O paiz está persuadido de que eu não passo de um regedor feliz, que chegou a presidente do conselho? O paiz quer poesia, phantasia, scintillação, imaginação, capricho, graça, commoção, bom gosto?

Espera ahi!
Zás!



«Mas, assim como em noite sombria, em noite de procella, uma estrella, que apparece e brilha, traz alento e esperanza; assim como na pugna mais acerada ha lampejos que acendram o entusiasmo e o valor, assim tambem ha, na vida publica, momentos em que tudo: trabalhos e fadigas, injustiças e desillusões, tudo o que molesta e fere, tudo o que consome e opprime, tudo se esvae, como nuvem que passa, deixando, em campo azul, uma luz que brilha, com fulgor tão intenso, que tudo se apaga e some, e só fica a gratidão e o reconhecimento».

Observe-se comtudo, a sua tirada lyrica. Ella é o desesperado esforço para a phantasia, de um cerebro, rico de projectos de lei, mas extremamente pobre de imaginação.

Os homens politicos — esta é a lição a tirar d'este insuccesso litterario — não devem expor-se ás vicissitudes da vida da intelligencia.

Pacheco — o grande Pacheco — assim o entendia, calando-se.

O prestigio da grande maioria dos homens que fazem profissão da politica é o seu silencio.

Mudos — elles são grandiosos. O seu silencio é cheio de idéas, de principios, de programmas, de iniciativas, de planos.

Loquazes, vacillam nos seus pedestaes como estatuas que quizessem mecher-se.

O homem politico é como o cofre dos Humbert: cheio de milhões, se está fechado. Vazio, se o abrem.

Suprema pandega

Não marcha a vida a passos vagarosos,
Isto vae de gangão. Surgem as dôres,
Apparecem malditos estupores,
E marcha um gajo aos reinos tenebrosos.

A vida feita foi para os gulosos
Que sabem dar apreço a bons licores:
Traz cá o barril vindo de Loures,
E chumbemos quaes dois ternos esposos.

Concordas, meu amor? não é verdade?...
O vinho aperta os laços da amizade
E no eixo da paixão dá novo azeite.

O' Maria Francisca, olha, menina;
Se nos saltar á perna uma cardina,
A' manhã p'la manhã... toma-se leite.

Um desejo

Eu não queria ser nenhum gigante
Qual Encelado, Egéo ou Centimano;
Gastar da rua Augusta todo o panno
N'um par de calças de alcapão adiante.

Não queria agarrar n'um elephante
Como quem pega n'um pequeno abano;
Nem queria, co'a força d'um banano,
Em migalhas fazer todo o tratante.

Desejava ser pulga pequenina
Que em qualquer dobra de lençol se esconde
Escapando á creada mais ladina.

N'este desejo meu os olhos ponde...
E sabe, Anastacia Joaquina,
Que vos ia morder. Mas não digo onde.



Equitação e equidade

No regulamento da Universidade de Coimbra, recentemente reformado, dispõe-se que os alumnos do primeiro estabelecimento scientifico do paiz, para serem admittidos á matricula na Escola do Exercito, no curso de cavallaria, devem ter a sua approvação com 14 valores nas disciplinas exigidas para tal curso.

Mas os alumnos da Escola Polytechnica ou da Academia Polytechnica que se destinam á infantaria, continuam a ser admittidos na Escola do Exercito com 10 valores na approvação das disciplinas preparatorias.

Consultada sobre este disparate, a Direcção Geral de Instrucção Publica foi do seguinte parecer: «Sendo evidente que um curso a cavallo exige habilitações preparatorias mais seguras que as exigidas para um curso a pé, não admite duvidas a justa equivalencia estabelecida entre os 14 valores para o primeiro caso, e os 10 valores para o segundo».

Este parecer traz a rubrica do professor Gagliardi.



Propaganda catholica

Na secção de Ephemerides de um jornal da manhã — lia-se d'estes dias o seguinte :

«Faz hoje 331 annos que foram collocados com toda a pompa em magnificos tumulos, na capella-mór do Convento de Santa Maria de Belém, os restos mortaes dos reis D. Manoel, D. João III, e do Principe D. João, pae de D. Sebastião. A's solemnes exequias assistiu a cõrte, prégando o celebre theologo Diogo de Paiva Andrade.»

N'essa mesma tarde, o *Correio Nacional* reproduzia esta noticia, ligeiramente acrescentada no ultimo periodo, que saiu assim :

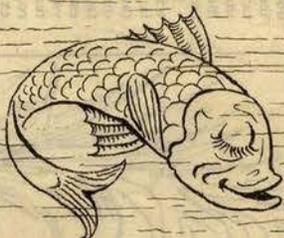
«A's solemnes exequias assistiu a cõrte, prégando o celebre theologo, Diogo de Paiva Andrade, nosso presado amigo e assignante.»



A intelligencia dos peixes

Um sabio americano, depois de ter descoberto que os peixes falam, tentou agora uma série de curiosas experiencias tendo por fim pôr o homem, pela fala, em relação de intelligencia com o peixe, assim como o estava já em relação com os outros animaes domesticos.

A principio, fez-lhes ouvir todas as especies de ruidos e de linguagens diferentes. E verificou que o cornetim, a trompa, e todos os sons de instrumentos metallicos produziam sobre o peixe um verdadeiro exaspero. O som de um sino tocado com intervallos regulares, lançava-o n'uma es-



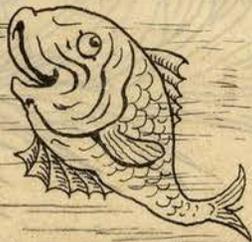
pecie de torpôr. A viola incommodava-o ligeiramente, e o piano fazia-o dar saltos desordenados acima da superficie das aguas.



As observações feitas sobre a voz humana concordaram com as que foram fornecidas pelos instrumentos de musica. Por exemplo, as linguas alemã e arabe teem a propriedade de



irritar o peixe; o russo e o chinez são-lhe indifferentes; o italiano e o hespanhol fazem-no sorrir; mas a lin-

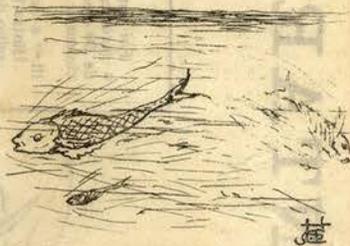


gua que mais lhes agrada, porque é a unica que elle comprehende, é o portuguez. Ou não fosse Portugal o senhor dos mares!

A este respeito, tem feito já o Sr. Armando da Silva, director do Aquario de Algés, curiosissimas observações.

Assim, quando o nosso illustre piscicultor se approxima do tanque dos carapás e lhes diz :

— Olha o gato, olha o gato! todos os carapás se raspam, aos encontros, como melhor podem.



Almas e generos alimenticios

Diz um articulista do *Diario de Noticias* :

«O padre na aldeia é geralmente lavrador, e não raro é industrial e até commerciante. Precisa de ter, pois, se não uma educação technica especial completa, ao menos uma conveniente dôse de conhecimentos geraes e praticos e immediatamente uteis a todo o commercio da vida...»

— O' senhor prior!

— Diga, menina...

— Venha vossa reverendissima de-pressa, que minha avó está a dar a alma ao Creador, e precisa a extrema-uncção!

— Pois tenha paciencia, que ha de esperar a vez.

— Mas ella morre...

— Não sei. Deixe-me pezar aqui primeiro meio-kilo de bacalhau a esta fregueza, que já cá estava antes da menina vir.



DEPOIS DO JANTAR



Foi entregue, ao sr. presidente do conselho, a seguinte representação, assignada por cerca de 30 credores do Estado, por dividas de fornecimentos.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, dignissimo presidente do conselho de ministros.

Os abaixo assignados, veem respeitosamente representar a v. ex.^a que, sendo antigos fornecedores de materiaes para as obras do Estado, teem deixado de lhes ser pagas, ha mezes a esta parte, pelo ministerio das obras publicas, as importancias dos seus fornecimentos, ou apenas lhes teem sido abonadas pequenas quantias, por conta dos mesmos.

Por esta circumstancia e em vista do grave transtorno que soffrem com o desembolso, a largos prazos, de quantias relativamente importantes, mas comprehendendo, ao mesmo tempo, que só um motivo poderoso terá determinado o facto alludido, os abaixo assignados veem, por esta forma, pedir a v. ex.^a de remediar taes gravames e transtornos, dignando se fazer converter os referidos créditos em bilhetes do thesouro, a tres ou a seis mezes de prazo, conforme v. ex.^a julgar opportuno, a exemplo do que já anteriormente foi feito. D'isto resultaria que, sem encargo immediato para o Estado, os abaixo assignados teriam a faculdade de realisar, por meio de desconto, quando necessario lhes fosse, os meios de fazer face aos seus compromissos correntes.

Esperam os abaixo assignados que v. ex.^a, sempre solícito em harmonisar os legitimos interesses do Estado com os das partes, quando estes são justos, como no caso sujeito, se dignará dar satisfação a esta petição.

E. R. M.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A SOBREMENZA

AS APPARENCIAS

Periodicamente, a nossa imprensa reclama das auctoridades a repressão da mendicidade, sob a allegação de que o espectáculo das ruas da capital, inçadas de mendigos, é nocivo ao prestigio da nossa civilisação.

A imprensa mostra assim ter da miseria uma noção pelo menos errada.

A miseria seria, segundo ella, a roupa suja das civilisações.

Póde a sociedade estar em manifesta decadencia e o Estado em bancarota franca.

Póde o povo ser o menos culto, o mais bronco, o mais rotineiro da terra.

A terra, ella propria, póde estar por lavar e não serão sufficientes os seus fructos.

Póde reinar a desordem em todos os ramos da administração, não haver contabilidade, não haver estatisticas, não haver cadastros.

Póde o exercito ser apenas uma secretaria e a marinha um caes.

Póde n'uma palavra, a civilisação estar em completo descredito: não haver fortuna, não haver prosperidade, não haver commercio, industria, agricultura, poderio militar, artes, letras, esplendor.

O essencial, no nosso ponto de vista, é que as ruas estejam limpas: que a carroça passe todas as manhãs e escrupulosamente recolha e leve para um affastado monturo tudo quanto póde macular a apparencia exterior da civilisação, isto é, a miseria e o lixo.

Quer dizer, é forçoso que os povos, assim como os individuos, que foram e já não são, mantenham a todo o transe o culto das apparencias.

No nosso ponto de vista, fazer civilisação é fazer *toilette*.

O mendigo é uma nodoa.

Por isso, periodicamente, reclamamos limpeza.

Existe a miseria, — nas ruas, como em toda a parte.

Como procuramos conjural-a?

Com benzina.

Quer saber-se por exemplo o que veio reconciliar a civilisação portugueza com ella propria?

A Avenida!

Senão veja-se.

Antes da Avenida, existia em Lisboa, a despeito da pavorrenta apparencia das coisas, um verdadeiro fermento revolucionario.

Conspirava-se.

O Club Henriques Nogueira era um facto.

Latino escrevia no *Seculo*. Lia-se Proudhon. O governo prohibia as conferencias do Casino. As *Farpas* zuniam ás orelhas do poder executivo, bem como ás do moderador. O *Drama do Povo* apparecia como um symptoma da inquietação geral.

A Lisboa demagoga, philosophante e clubista procurava despedaçar as grades... do Passeio Publico.

Um conservador de genio, Rosa Araujo, appareceu então e fez a obra dos revolucionarios: — destruiu o Passeio.

Desde logo, a revolução foi conjurada.

Quando Lisboa se encontrou sobre a Avenida, Lisboa dançou, como outr'ora Paris sobre a Bastilha.

Calaram-se as vozes insubmissas, Latino deu-se ao trabalho de morrer. Não se leu mais Proudhon e passou-se a lêr o *Diario do Governo*. O *Drama do Povo* cedeu o logar aos dramas de Georges Ohnet. Fechou o Club Henriques Nogueira; abriu o Theatro D. Amelia.

A Avenida oferecendo-se á população como a promessa de um futuro novo, socegou toda a gente.

O estado geral da nação não era bom: era mesmo pessimo. Mas a cidade aformoseava-se.

Começou-se a construir, a plantar, a ajardinar. O sr. Conceição e Silva fez no alto da nova Avenida um predio de farinha de trigo. Alargou-se o passeio do Neves. O Martinho forrou a papel.

Quando se construiu a nova gare e o Hotel Internacional appareceu ao lado, com as suas fachadas de cartão e os seus jantares com musica, a sociedade em peso acreditou sinceramente que Portugal estava restaurado e ia começar de novo, como no passado — a vender pimenta.

Principiou-se então a reclamar, com a reforma da cidade, a reforma dos costumes.

Baniu-se a calça á bocca de sino; os fadistas foram exportados para Angola; a elegancia, as boas maneiras tornaram-se obrigatorias; foi prohibido intrrometer-se a gente com as senhoras; tomou-se chá ás cinco horas; o Amieiro foi decretado instituição nacional; abriu o *Rendez vous des gourmets* e começou funcionando o juizo de instrucção criminal.

Acabaram os pregões, os realejos, os trovadores de rua, os tocadores de cornetim e os ursos amestrados.

N'esta ordem de idéas, procura-se agora acabar com a mendicidade.

Quer dizer, procura-se, mais uma vez, salvar as apparencias.

Como se Lisboa, sem mendigos, deixasse de ser a capital de um reino extremamente pobre!

JOÃO RIMANSO.



Sonho alegre

Sonhei que estava no rigor do inverno
E que caia pedra fortemente...
Mas, depois, reparando attentamente,
Vi libras a chover no lar paterno!..

Eram todas do cunho mais moderno,
Quebravam-me as vidraças bellamente!
Eu logo me ajoelho como crente...
E entro a dar parabens ao meu governo!...

E eu berrei como nunca ninguem berra;
Acreditei na nossa salvação...
Porque as libras choviam de Inglaterra!...

Que prazer!.. E n'aquella occasião
Oíço ganhar o maior cão da terra...
E cri que estavam a matar o cão!



O homem a cavallo em si mesmo

Tendo sido superiormente determinado que passasse a ensinar pharmacia no Porto (que é a arte de conhecer as drogas simples, e de preparar os medicamentos compostos) um individuo que só fez o curso de veterinario, isto é, um individuo scientificamente iniciado no conhecimento da anatomia e nas doencas dos gados, um jornal d'aquella cidade propõe que nos futuros tratados de lexicologia patria se diga:

— *Pharmaceutico*, a. Adj. Que pertence ao curativo das bestas. Vidé Alveitar.

E' perfeito.



Um conselho ao sr. Senna Freitas

Queixava-se ultimamente o sr. padre Senna Freitas de que os jornaes portuguezes se entregassem exclusivamente á tarefa de contar crimes, attentados, roubos, violencias, e não dessem logar nas suas columnas a um pouco de vida moral e intelligente, creando secções que interessassem ao publico que procura instruir-se.

As recriminações do sr. Senna Freitas são perfeitamente fundadas.

Com effeito, os jornaes portuguezes destinam-se na sua maioria a contar a vida das ruas, no que ella tem de mais antipathicamente grosseiro. A imprensa é o echo das existencias mais miseraveis e não nos traz o menor conforto, ou a menor diversão.

Mas que quer o sr. Senna Freitas? Antes de serem boas obras, os jornaes procuram ser bons negocios, e um jornal só é um bom negocio quando é lido pela maioria dos leitores.

Ora, o que busca a maioria dos leitores de jornaes, no nosso excellentes paiz?

Factos.

A maioria quer factos e factos que interessem á sua condição mesquinha e á sua cultura mediana.

A maioria quer saber o que se passa, na sua sociedade, que é a que habita os bairros pobres, a que frequenta as hortas, a que vai ver os cyrios, a que se envolve em desordens, a que dá a sua facada e a leva, a que passa uma ou outra vez pelo Limoeiro, a que póde sem difficuldade ter um parente ou um amigo a quem os maus fados levem ás costas d'Africa.

Esta maioria não lê:—soletira.

Os jornaes são feitos para ella e por isso se chamam—jornaes para o povo.

Por isso tambem não tem moral, nem idéas, nem coisa alguma.

Quer o sr. Senna Freitas idéas?

Compre o *Figaro*.

Custa quatro vintens e é em francez.

Em portuguez, contente-se com o que ha—iscas de figado.

A Família e o Estado

Esclarece a *Tarde* que a venda ao Estado de terrenos do Banco Alliança, effectuada pelo sogro do Sr. Conde de Paçõ Vieira, gerente do Banco, ao Sr. Paçõ Vieira, gerente do Estado, e genro do gerente do Banco, é filha da necessidade de dar incremento á sementeira de pinheiros para alargar a riqueza nacional, dos pinhaes do Estado.

Entre os quaes se conta, como se sabe, o pinhal da Azambuja.

MOTE

As nodos da roupa suja
Cáem todas com sabão;
Só não ha nada que tire
As nodos do coração.

GLOSA

Que não cause isto surpresa
Pois vem de sabios macrobios;
Para enxotar os microbios
Nada melhor que a limpesa,
D'esta lei, a da pureza,
Por ser tolo ninguem tuja;
Pois aqui ou na Azambuja,
Em Loures ou em Friellas,
Tiram cachopinhas bellas
As nodos da roupa suja.

Seja a nodoa em collarinho,
Seja a nodoa nas cercoilas,
As taes guapas moçoilas
Dão conta do trabalho:
Nodoa nos lençoes de linho,
Nas camisas de algodão;
Nodos no pobre gibão
Ou em saías afidalgadas,
Quando são bem esfregadas
Cáem todas com sabão.

A nodoa que cáe na fame
E que indelevel parece,
A's vezes desaparece
Tanto em homem como em dama:
Aquella que mais infama
Talvez que o tempo a retire...
Mas não falta quem suspire
Ao pé de nodoa mais grave...
Só essa não ha quem lave,
Só não ha nada que tire!

E' nodoa que, no arreigar,
Tanto procura o profundo,
Que as aguas todas do mundo
Não a podiam tirar!..
Todas se podem lavar
Mettendo a arte em acção;
Porém ha nodos que são
Rebeldes a mil barreilas!..
Quereis saber quaes são ellas?..
—As nodos do coração.



Litteratura e reportagem

Descripção de um cemiterio, colhi-
da de um jornal litterario:

«Ao fim da estrada, larga e arborizada, n'uma sobrançeria de grandeza ainda um quasi nada mundana, os vertices das brancas pyramides de rijo marmore emergem d'entre o verde escuro dos esguios cyprestes, que balouçam o dorso longo e no alto, flexivel, ao sabor da viração... E ali, no vasto compo, se juntam a Grandesa e a Miseria, a Virgindade e o Vicio, a Honra e a Gloria, a Auctoridade militane a Auctoridade civil...»

... Tudo, emfim, quanto Lisboa conta de mais distincto no mundo da Arte e da Sciencia, da Aristocracia e do Talento, do Funcionalismo e da Finança.

Não é um cemiterio. E' uma kermesse no parque da Senhora Duqueza de Palmella, em Cascaes.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

Feira das Mercês nos domingos 18 e 25 de outubro de 1903.

Por motivo d'esta feira todos os comboios ordinarios, tanto ascendentes como descendentes da linha de Cintra, terão n'estes dias, paragem no apeadeiro das Mercês, para receber e deixar passageiros.

Lisboa, 14 de outubro de 1903

O Director Geral da Companhia
Chapuy.



ENCADERNAÇÃO

Simple e de luxo, cartonagens, dourados em fitas para corôas e em toda a qualidade de pelles. Casa premiada em diversas exposições

PAULINO FERREIRA

126, Rua Nova da Trindade, 132

Ouivesaria e Relojoaria

com officina annexa
de fabrico e
concertos



Por 600 réis

SER PHOTOGRAPHO I

Apparelho completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de qualquer tirar retratos por 600 réis provincia: 650 réis. Pedir catalogos illustrados. Capas para a encadernação d'A Parodia, 1.º, 2.º e 3.º anno 700 réis, empaste 200 réis.

ALVES & FERREIRA

220, Rua Augusta, 222

CORRESPONDENCIA DE CASCAES

Confidencia



—O que entendes tu por flirt?
— Ora, o flirt é tudo — á excepção de tudo.

Presocidade

1.º *Bébé* — O mano nunca ha de saber estar diante do meninas!...
A *Nini* — Ora, deixe lá vossê, não se faça Pires...



Caridade... e cebolada

—Ainda hoje, na regata, eu era assim...



—A' volta da kermesse, fiquei assim...



—O que pescou na barraca da pesca?
— Pisquei um olho...

O **philantropo**
O verdadeiro philantropo á volta do parque Palmella.